

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

Fernando Pessoa

POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

Edição de Ivo Castro

Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior,

vol. IV

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2015

Falar de uma **publicação** há muito aguardada é dizer pouco sobre a nova edição de *Poemas de Alberto Caeiro*, da responsabilidade de Ivo Castro, o novo volume da Edição Crítica de Fernando Pessoa publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. No entanto, o facto de se apresentar como o quarto volume da série, entretanto composta por doze, é revelador de uma há muito projetada publicação, permanentemente adiada tal qual o projeto pessoano de publicação em vida do livro de poemas do mestre.

De Ivo Castro é bem conhecido o trabalho decisivo em torno dos materiais que compõem o *corpus* de poemas atribuídos a Alberto Caeiro, assim como a refutação decorrente da sua análise de que Pessoa teria escrito, segundo a descrição do próprio em carta a Adolfo Casais Monteiro, *trinta e tantos poemas a fio* de *O Guardador de Rebanhos* no dia 8 de março de 1914, entendido pelo poeta como momento epifânico de encontro com o seu *mestre*. Ivo Castro publicou em 1986 a

edição crítica e fac-similada *O Manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro* (Dom Quixote), e a consideração das diferenças entre esta edição e a agora apresentada, quase trinta anos depois, constitui um bom ponto de partida para tematizar os seus propósitos e as suas virtudes. A anterior edição publicava, como o título indica, o *corpus* de poemas contido no entretanto famoso caderno manuscrito em que Pessoa escreveu a totalidade do ciclo *O Guardador de Rebanhos*, obra maior do *mestre* Alberto Caeiro. Dando conta das inúmeras variantes e emendas que o manuscrito contém, a edição segue o método posteriormente adotado pela Edição Crítica de Fernando Pessoa, que o mesmo editor coordena, de apuramento da última lição escrita e não recusada pelo poeta e do estabelecimento do texto de acordo com esta mesma lição.

Esta edição de 1986 introduz, no entanto, uma exceção, a da edição dos poemas publicados pelo poeta em vida, quase metade do conjunto do *Guardador*, segundo o testemunho das mesmas publicações. Esta ressalva é, no entanto, colocada em causa pelo mesmo editor dois anos depois, que através de uma análise apurada e convincente da génese do verso «Vivo no cimo ^a meio d'um outeiro», do poema XXX do *Guardador* (cf. Castro, «A Casa a meio do Outeiro» [1988], *Editar Pessoa*, INCM, 2013), conclui que esta lição («a meio»), presente no manuscrito, é não só posterior à publicação do poema em 1925, que dela prescindiu, como é suportada em termos de conteúdo por uma «solidariedade entre emendas da mesma campanha» (cf. *ibid.*, 74). Isto significa que no processo de escrita de dois outros poemas do mesmo ciclo, os poemas VII e VIII, é igualmente inserida a variante «a meio», seguindo-se à primeira lição «no cimo». No primeiro caso lê-se no manuscrito «na minha casa no cimo ^a meio d'este outeiro»

e no segundo, no testemunho publicado na revista *presença* em 1931, «na minha casa a meio do outeiro» (numa evolução mais complexa mas interessante, como aponta o crítico, Pessoa vai progressivamente descendo a encosta no manuscrito: «na minha casa no cimo ^{na encosta} |quasi ao cimo do outeiro»).

O que nos revela esta casa a meio do outeiro, através da minuciosa e concludente análise de Ivo Castro? As suas consequências são várias, mas entre elas destacaria duas: 1. A última lição do poeta nem sempre corresponde à versão publicada em vida; 2. Só a conjugação de critérios filológicos e hermenêuticos permite uma edição adequada dos poemas. Enquanto este segundo ponto será aprofundado em seguida, a primeira evidência deixa margem para várias abordagens, que dependem também elas da segunda consideração e de que decorrem critérios editoriais distintos. É possível argumentar que, ainda que o poeta possa ter inserido no texto emendas e variantes posteriores a uma publicação, estas novas versões do texto não foram validadas pelo autor através de uma republicação. Neste sentido, seria possível, mesmo que se encontrem testemunhos de novas campanhas de escrita de um texto, privilegiar a sua fixação no momento de uma publicação. Assim fez Ivo Castro na sua edição de 1986, mesmo que revendo depois a sua posição, posição esta correspondente à opção editorial de João Dionísio, que na sua edição dos *Poemas Ingleses* de Pessoa (Edição Crítica de Fernando Pessoa, vol. V, tomo I, INCM, 1993), segue as emendas e variantes manuscritas do poeta introduzidas no texto de 35 *Sonnets*, após a sua publicação, em 1918. Curiosamente, o mesmo Dionísio revê posteriormente a sua posição, defendendo uma diferença de estatuto entre publicações autorizadas pelo autor e os restantes textos que permaneceram no seu

espólio, incluindo as revisões dessas mesmas publicações (cf. Dionísio, «Integridade e Genuinidade na Obra de Fernando Pessoa», in *A Arca de Pessoa: Novos Ensaios*, ICS, 2007). É evidente a dificuldade na ponderação do estatuto concedido a uma publicação em vida, especialmente naquele que é o caso de Pessoa, o de um autor que frequentemente revia, emendava e elaborava versões alternativas dos textos que publicava, não os considerando definitivos.

Vem complicar a tarefa do editor dos poemas de Caeiro a descoberta recente, no processo de digitalização da Biblioteca Particular à guarda da Casa Fernando Pessoa, de um exemplar pessoal da *Athena*, revista em que Pessoa publicou 23 poemas de *O Guardador de Rebanhos* e dezasseis *Poemas Inconjuntos*. Neste exemplar, Pessoa introduziu emendas e variantes no texto das publicações, que não podem deixar de ser consideradas, constituindo um testemunho fundamental no processo de escrita e revisão dos poemas. Em muitos casos, será aqui que se encontra a última lição deixada pelo autor, noutros é possível que uma lição do caderno seja posterior, noutros ainda torna-se impossível determinar qual será a última lição. Isto mesmo reconhece Ivo Castro, que vê nestas intervenções, «em número pouco abundante», sobre o exemplar da *Athena* «grande interesse crítico» (20). O problema editorial criado é então o de não ser possível, na maioria dos casos, determinar qual será a última lição, levando a «conferir a ambas as lições idêntico estatuto de autoridade» (*ibid.*). Seria certamente possível transcrever os poemas publicados na *Athena* apenas com base neste exemplar anotado, considerando criticamente as variantes e emendas manuscritas (cf. Sepúlveda, *Os Livros de Fernando Pessoa*, Ática, 2013, p. 256-59), mas a edição crítica de Ivo Castro permanece fiel ao seu

método e propõe-se considerar todos os suportes e as variações textuais que apresentam. Dessa consideração resulta o estabelecimento de um texto que pretende ser o mais próximo possível da que se supõe ser a intenção final do autor, remetendo para o aparato crítico todas as variantes e versões anteriores.

No entanto, num caso complexo como é o de Caeiro, e como o próprio editor se vê obrigado a reconhecer, o método da crítica genética nem sempre é suficiente para o apuramento, para lá de qualquer dúvida, de uma última lição. Esta complexidade e a existência de suportes que vão desde rascunhos e cópias datilografadas ao caderno manuscrito e ao referido exemplar pessoal anotado, junta-se a uma verdade fundamental a respeito de qualquer método de crítica textual. A complexidade vem reforçar o que já sabíamos quando analisamos os textos de Pessoa, em que abundam as variantes deixadas em aberto e onde não é visível uma escolha realizada pelo autor, a saber que o método de apuramento de uma última lição é um bom ponto de partida do trabalho, mas não pode ser aplicado cegamente nem prescindir de considerações hermenêuticas. O editor tem necessariamente de intervir no texto e nem sempre pode contar com a receita do método, vendo-se na necessidade de tomar decisões perante as diversas possibilidades existentes e deixadas em aberto pelo autor. Entre múltiplos exemplos do tipo de decisões que, nesta edição, exceedem a aplicação cega do método, encontra-se a de preservar, no último verso da primeira estrofe do *Guardador*, a imagem da borboleta que entra pela janela, recorrente em vários testemunhos mas a respeito da qual se encontram tanto no caderno manuscrito como no exemplar anotado outras propostas. O método comparativo dos vários suportes corre necessariamente o risco de perder uma coerência de senti-

do presente num só suporte, mas permite almejar uma percepção global do processo de escrita e encontrar argumentos, filológicos e hermenêuticos, para o estabelecimento de um texto que se pretende crítico.

Assim acontece também naquele que o editor entende ser o último poema do ciclo *O Pastor Amoroso*, cujas estrofes foram em anteriores edições sempre publicadas como tratando-se de dois poemas distintos. As duas estrofes encontram-se datilografadas com cores distintas, a primeira a azul e a segunda a vermelho, precedida de indicação autoral crítica para revisão posterior: «examine very carefully» (cf. BNP/E3 67-67r; *Poemas de Alberto Caeiro*, 70-71 e 255-62). Para além de uma divergência na consideração de duas linhas finais manuscritas como dístico separado do poema ou parte integrante do mesmo, e de uma detalhada análise dos vários procedimentos dos anteriores editores, Ivo Castro desenvolve diversos argumentos a favor da consideração das duas estrofes como pertencentes a um mesmo poema. De um ponto de vista material, o editor argumenta que a mesma página terá sido utilizada em dois momentos de escrita, um primeiro em que foi datilografada a primeira estrofe, um segundo em que foi acrescentado o dito apontamento crítico e a segunda estrofe. A pausa de escrita não pode ter sido muito longa, argumenta, pois o alinhamento das margens e das letras mostra que a folha não foi retirada da máquina. A diferença de cores vê-se justificada pela utilização de uma mesma fita bicolor. Terá sido pois num momento em que conclui ser necessário rever a primeira estrofe que Pessoa escreve uma segunda, encontrando-se a primeira amplamente anotada e emendada a caneta. Como nota Ivo Castro, algumas destas intervenções manuscritas vêm aproximar o conteúdo das duas estrofes, a primeira discorrendo sobre o olfato e a segunda sobre o acordar.

Em particular o último verso da primeira estrofe, uma emenda manuscrita a caneta, visa unir o significado das duas estrofes, definindo-o enquanto descrição de dois momentos que antecedem aquele que é o sentido determinante em Caeiro, a visão: «Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver».

Numa argumentação desenvolvida ao longo de sete páginas de aparato crítico, o editor alia de forma admirável dados materiais, eles mesmos solicitando uma apreciação crítica, e uma leitura interpretativa do poema, conjugando ambos em defesa da sua opção editorial. Não é aqui o lugar para discutir amplamente a posição deste poema ou poemas de *O Pastor Amoroso*, considerando outras leituras. Trata-se apenas de marcar através do exemplo aquele que é o traço distintivo deste trabalho, a aplicação simultânea de um conhecimento apurado dos materiais de escrita, do método da crítica genética e da sensibilidade interpretativa. A conjugação destes conhecimentos e destes modos de abordagem oferece-nos um volume de inestimável valia para a leitura de Pessoa e a demonstração de que seguir um método não pressupõe a sua aplicação cega.

Pedro Sepúlveda